

## FERRAMENTAS PARA MENSURAÇÃO DA SUSTENTABILIDADE: uma análise dos principais indicadores

GLEBERSON DE SANTANA DOS SANTOS<sup>1</sup>; SIMONE SEHNEM<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – glebersonsantana@hotmail.com

<sup>2</sup>Universidade do Oeste de Santa Catarina – simone.sehnem@unoesc.edu.br

### 1. INTRODUÇÃO

No estudo de administração o planejamento tem papel crucial para delinear o futuro da organização. Tão importante quanto o planejamento, sem dúvida é o controle – outra função da administração que fundamenta-se no acompanhamento das atividades, a fim de garantir o cumprimento do planejado e possível detecção de desvios incorridos do processo de execução. Daí, como mensurar se aquilo que foi anteriormente planejado está sendo alcançado pela organização? Para responder a este questionamento é simples: através de indicadores estratégicos.

Quando se trata de indicadores vêm à tona os índices de liquidez, solvência, endividamento, lucratividade, rentabilidade, entre outros de cunho financeiro. No entanto, com a visão baseada em recursos, empresas na busca de diferencial competitivo por meio de recursos próprios (produtos) adotaram através das ISOs determinados padrões de produção, focando na estratégia de diferenciação através da qualidade. No contexto em que vivemos, qualidade deixou de ser um diferencial competitivo para se tornar uma exigência. Àquelas organizações que não dispuserem de produtos com determinado padrão de qualidade certamente não serão competitivas e, portanto, estarão fadadas ao fracasso.

Com o contexto da sustentabilidade, organizações e organismos governamentais têm buscado a criação e adoção de indicadores de sustentabilidade para, dentre outras funções, demonstrar a sociedade o grau de comprometimento da empresa para com o assunto, no sentido de divulgar as boas práticas da organização. Alguns índices já são conhecidos: o índice *Dow Jones Sustainability*, Índice de Sustentabilidade Empresarial Bovespa, os Indicadores Ethos, IBase, aparecimento de novas normas como OSHAS 18001 e ISO 26000, além do emprego de novas iniciativas como o Pacto Global da ONU e o *Global Reporting Initiative*. (MASTROTI; SOUZA, 2011).

Nesse contexto, torna objetivo deste trabalho o de demonstrar os principais indicadores de sustentabilidade e modelos de gestão socioambiental mais propagados no âmbito acadêmico e corporativo utilizados pelas empresas consideradas sustentáveis tanto no âmbito nacional quanto internacional.

### 2. METODOLOGIA

Para a pesquisa utilizou-se a abordagem qualitativa, fundamentada pelo estudo em que descreve e analisa uma situação à luz de teorias. Neste caso, se correlacionou com a percepção de alguns autores sobre o tema sustentabilidade, indicadores e índices de sustentabilidade e modelos de gestão sustentável.

Trata-se de uma pesquisa secundária, onde realizou-se um levantamento das principais ferramentas de análise do desenvolvimento sustentável citadas e utilizadas no meio acadêmico. As ferramentas descritas são: o *Global Reporting Initiative*, Indicadores Ethos de Responsabilidade Social, a Pegada Ecológica, o Painel de Sustentabilidade e o Barômetro da Sustentabilidade.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os estudos direcionados à discussão do desenvolvimento sustentável enfrentam dificuldades frequentes ao lidar com a carência de informações que possam mensurar a

sustentabilidade de determinada região (RODRIGUES, K. F.; RIPPEL, 2015). Segundo Sehnem *et al.* (2012) as pesquisas sobre a temática de sustentabilidade e as técnicas de mensuração é muito recente e se encontra em fase embrionária no Brasil, sendo um campo a ser amplamente explorado e investigado. Muito embora recentes, há algumas ferramentas de mensuração que é amplamente utilizada em âmbito nacional e internacional.

- **Global Reporting Initiative** - O instrumento que é classificado por Barbieri e Cajazeira (2009) como aquele que pretende garantir a transparência e a comunicação com as partes interessadas, começou a ser desenvolvida em 1997, nos Estados Unidos, com o objetivo de aperfeiçoar a qualidade das informações socioambientais disponíveis e o risco do desempenho das companhias. A GRI é uma organização sem fins lucrativos, com sede na Holanda, que tem buscado disponibilizar linhas orientadoras e matrizes de indicadores que permitem, a todas as organizações, sejam elas corporações, empresas, organizações governamentais ou organizações não governamentais (ONGs), independente de sua estrutura, dimensão, setor de atividade econômica ou localização, a estruturar o seu relato sustentável, quer em termos de conteúdo, quer em termos de abrangência (GRI, 2013).

Segundo Mazon (2007), o modelo desenvolvido pela GRI é, sem dúvida, o padrão internacional para Balanços Sociais ou de Sustentabilidade. Suas diretrizes GRI foram projetadas para incentivar o aprendizado e a responsabilização, a chamada *accountability*. Tal empenho é dispendido para que a GRI possa concretizar a missão de desenvolver e divulgar as diretrizes para relatórios de aplicabilidade global e estabelecer princípios amplamente adotados para que se possa promover uma harmonização internacional desse tipo de relatório, haja vista que o relatório de sustentabilidade é a principal ferramenta de comunicação do desempenho social, ambiental e econômico das empresas. O GRI inclui os indicadores de cunho econômico, ambiental, social e subcategorias práticas trabalhistas e trabalho decente, direitos humanos, sociedade e responsabilidade pelo produto. (ALIGLERI, 2011; GRI, 2013).

- **Indicadores Ethos de Responsabilidade Social** - é uma organização sem fins lucrativos, cuja fundação é datada de 1998 e desenvolveu, colocando à disposição da sociedade indicadores voltados para responsabilidade social, prestando meios e informações para elaboração de um BS. Tais indicadores, que abrangem os temas valores, transparência e governança, público interno, meio ambiente, fornecedores, consumidores e clientes, comunidade e governo e sociedade, constituem ferramentas internas que possibilitam diagnóstico e avaliação de sua gestão a respeito da incorporação da responsabilidade social. A missão do Instituto Ethos está pautada em mobilizar, sensibilizar e auxiliar as empresas a gerirem seus negócios de forma socialmente responsáveis, formando parcerias na construção de uma sociedade mais sustentável e justa. (MAZON, 2007; ALIGLERI, 2011; ETHOS, 2014).

O Instituto Ethos (2014) busca disseminar a prática da responsabilidade social empresarial, ajudando as organizações a: - (1) compreender e incorporar de forma progressiva o conceito do comportamento empresarial socialmente responsável; - (2) implementar políticas e práticas que atendam a elevados critérios éticos, contribuindo para o alcance do sucesso econômico sustentável em longo prazo; - (3) assumir suas responsabilidades com todos aqueles que são atingidos por suas atividades; - (4) demonstrar a seus acionistas a relevância de um comportamento socialmente responsável para o retorno em longo prazo sobre seus investimentos; - (5) identificar formas inovadoras e eficazes de atuar em parceria com as comunidades na construção do bem-estar comum; - (6) prosperar, contribuindo para um desenvolvimento social, econômica e ambientalmente sustentável.

- **Ecological Footprint (EF) ou “Pegada Ecológica”** - surgiu em 1996, através do lançamento do livro “Our ecological footprint” de Wackernagel e Riss (1996) e visa medir mais especificamente o uso da natureza pelas comunidades humanas. Este indicador funciona como uma representação do espaço ecológico correspondente para sustentar um determinado sistema ou unidade. (VAN BELLEN, 2006; VEIGA, 2010,

2013; CARVALHO, 2012). Segundo Veiga (2010, p. 181-182), “partindo da constatação de que a área produtiva disponível a cada habitante do planeta não chega a 2 hectares (1,86 ha), essa ONG Californiana mostrou que cada habitante dos EUA já usa mais do que o quádruplo (9,71 ha)”.

A Pegada Ecológica é representada a um equivalente em área, expresso em hectares globais (hag) e visa indicar a área da biosfera necessária para suportar determinada demanda provocada pelo consumo humano. O Relatório Planeta Vivo (The Living Planet Report, 2014), lançado em 30 de setembro de 2014, mostra que a demanda da humanidade no planeta é 50% maior do que o que a natureza pode renovar, colocando em risco o bem-estar dos seres humanos, bem como as populações de mamíferos, aves, répteis, anfíbios e peixe.

- ***Dashboard of Sustainability* ou Painel de Sustentabilidade** - as primeiras pesquisas sobre o *Dashboard of Sustainability* datam da segunda metade da década de 1990, com intuito de formular uma ferramenta robusta de indicadores de sustentabilidade que fosse aceita internacionalmente. Apenas em 1999 foi criado o modelo que significa Painel de Sustentabilidade. Paineis (*dashboards*) porque faz alusão ao conjunto de instrumentos de controle situado abaixo do para-brisa de um automóvel, uma espécie de metáfora para avaliar o grau e a direção do objeto de estudo (país, região ou qualquer outra unidade de interesse como municípios, organizações) em relação à sustentabilidade. Uma das primeiras versões do *Dashboard of Sustainability*, em 2000, foi construída através de um painel visual de três displays que correspondem a três grupos ou blocos (*clusters*) que visam mensurar a performance econômica, social e ambiental do objeto de estudo (VAN BELLEN, 2006; SOUZA, 2011).

- ***Barometer of Sustainability* ou Barômetro de Sustentabilidade** – foi desenvolvido como um modelo sistêmico dirigido prioritariamente aos seus usuários, em especial às agências governamentais e não governamentais, tomadores de decisão e pessoas envolvidas com questões relativas ao desenvolvimento sustentável, com o objetivo de mensurar a sustentabilidade. Esta ferramenta de avaliação foi formulada por especialistas e estudiosos relacionados aos institutos *The World Conservation Union*, WCU e o *The International Development Research Centre*, IDRC, tendo Prescott-Allen como um dos principais pesquisadores envolvidos no desenvolvimento de tal sistema (VAN BELLEN, 2006; SOUZA, 2011).

O *Barometer of Sustainability* é uma metodologia que propõe avaliar e relatar o progresso em direção a sociedades sustentáveis e que integra coerentemente, diversos indicadores de cunho sociais e ambientais, fornecendo uma avaliação do estado das pessoas e do meio ambiente por meio de uma escala de índices que varia de 0 (zero) a 100 (cem) dividida em cinco setores a cada 20 pontos, sendo que cada setor corresponde a uma cor que varia do vermelho até o verde, cuja classificação atribuída é avaliada como ruim, pobre, média, razoável e boa para denominar, segundo orientação teórica, como: insustentável, potencialmente insustentável, intermediário, potencialmente sustentável e sustentável. (PRESCOTT-ALLEN, 1999; VAN BELLEN, 2006).

#### 4. CONCLUSÕES

O objetivo do presente trabalho foi de demonstrar os principais indicadores de sustentabilidade e modelos de gestão socioambiental mais propagados no âmbito acadêmico e corporativo utilizados pelas empresas consideradas sustentáveis. Dos indicadores de sustentabilidade, Mazon (2007) informa que quanto à natureza e finalidade dos indicadores, estes devem ser precisos, repetitivos, reproduzíveis e estáveis, no sentido de que a propriedade da precisão e reproduzibilidade não será deteriorada ao longo do tempo. A seleção dos indicadores deve passar pelo teste da “utilidade” e “praticabilidade”, incluindo sua complexidade, resistências possíveis e os custos envolvidos em sua observação.

Para incorporar os indicadores na rotina de gestão tradicional das empresas é fundamental que sejam demonstrados aos colaboradores os ganhos que a definição de



bons indicadores trará. Para tanto, os indicadores precisam ser elaborados e definidos envolvendo os profissionais que irão medi-los. Realizar momentos de divulgação de resultados, com reuniões periódicas demonstra a importância que a organização dá aos indicadores e às ações tomadas pelos responsáveis (MASTROTI; SOUZA, 2011).

No estudo foi possível notar que o uso de tais indicadores deve levar em consideração o contexto organizacional e saber o que se quer alcançar em comunhão com o planejamento. Não é tarefa fácil, pois requer a participação de todos, principalmente daqueles que irão medir e gerenciá-los; a comunicação destes indicadores deverá ocorrer com os envolvidos direta ou indiretamente nos resultados, exigindo em alguns casos mudanças, alteração para estruturas pouco mais flexíveis, sendo necessária a quebra de alguns paradigmas e evitar comportamentos de resistência. Todos esses pré-requisitos são necessários para garantia de controle organizacional mais eficiente e eficaz por meio do uso de indicadores (MASTROTI; SOUZA, 2011; TACHIZAWA, 2011).

## 5. REFERÊNCIAS

ALIGLERI, Lilian Mara. **A adoção de ferramentas de gestão para a sustentabilidade e a sua relação com os princípios ecológicos nas empresas**. 2011. Tese (Doutorado em Administração) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

BARBIERI, J.; CAJAZEIRA, J. E. R. **Responsabilidade social empresarial e a empresa sustentável**: da teoria à prática. São Paulo: Saraiva, 2009.

**ETHOS**. Disponível em: <[www.ethos.org.br](http://www.ethos.org.br)>. Acesso em 19 dez. 2014.

**GLOBAL FOOTPRINT NETWORK (GFN)**. Disponível em: <<http://www.footprintnetwork.org/en/index.php/GFN/>>. Acesso em 30 dez. 2014.

**GLOBAL REPORTING INITIATIVE (GRI)**. Diretrizes para Relatórios de Sustentabilidade. Versão 4.0. Disponível em: <<http://www.globalreporting.org/NR/rdonlyres/4855C490-A872-4934-9E0B-8C2502622576/5288/DiretrizesG3.pdf>>. Acesso em 22 jul. 2014.

MASTROTI, R. R.; SOUZA, D. G. de. Sistemas de indicadores e boas práticas de sustentabilidade empresarial. In: AMATO NETO, João (org.). **Sustentabilidade & Produção**: teoria e prática para uma gestão sustentável. São Paulo: Atlas, 2011.

MAZON, R. Negócios Sustentáveis e seus indicadores. In: KEINERT, T. M. M. (Org.). **Organizações sustentáveis**: utopias e inovações. – São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: Fapemig, 2007. p. 43-64.

PRESCOTT-ALLEN, R. **The wellbeing of nations**: a country-by-country index of quality of life and the environment. Washington, DC: Island Press, 1999.

RODRIGUES, K. F.; RIPPEL, R. Desenvolvimento sustentável e técnicas de mensuração. **R. de Gestão Ambiental e Sustentabilidade**, v. 4, n. 3, p. 73-88, 2015.

SEHNEM, S.; OLIVEIRA, M. de A. S.; FERREIRA, E.; ROSSETTO, A. M. Gestão e estratégia ambiental: um estudo bibliométrico sobre o tema nos periódicos brasileiros. **Revista Eletrônica de Administração – REAd**, v. 72, n. 2, p. 468-493, 2012.

SOUZA, A. S. de. **Formas de mensurar a sustentabilidade**: um estudo sobre novos indicadores. 2011. Dissertação (Mestrado em Economia) – PUC SP, São Paulo, 2011.

TACHIZAWA, Takeshy. Indicadores de gestão ambiental e de responsabilidade social. In: TACHIZAWA, Takeshy. **Gestão ambiental e responsabilidade social corporativa**: estratégias de negócios focadas na realidade brasileira. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2011.

VAN BELLEN, H. M. **Indicadores de sustentabilidade**: uma análise comparativa. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.